

Roberto.

APRESENTAÇÃO:

Caríssimos ouvintes: O passado - já o disse alguém - é uma colcha de retalhos. E foi procurando no meu subconsciente que encontrei guardados, lá no fundo, uma infinita variedade de retalhos, muito coloridos ainda alguns deles e outros já quase totalmente desmaiados pelo tempo que traz o esquecimento, mas, uns e outros, a viver e palpitar dentro de mim de uma tal forma, que, se os auscultasse, penso que os sentiria pulsar como a um coração. E assim, muito cautelosamente, para que não se desfaçam entre os meus dedos nervosos, eu os vou retirando do esconjuro onde se encontram guardados, vermelhos, brancos, azues, pretos, verdes e os vou colocando, um ao lado do outro, reconstituindo, com todas as minudências e detalhes, o que eles foram, porque surgiram e as emoções que a seu tempo me fizeram viver. E deles então surge, branca e sensitiva, uma flor que toda se contrai, num recolhimento dolorido, ao toque suave da recordação. É a saudade! Lembro-me dos tempos idos, da minha infância longínqua e retorno ao nosso lar, a casa amiga, austera e confortável nas suas salas amplas de portas altas e de largas janelas. E vejo a arrastar-se, magrinha e curvada, no seu chailé de lã cor de cinza, a preta Balbina - a Babú, como todos nós a chamávamos. Recordo-a sentada aos pés da minha cama, a contar-me as histórias bonitas que sabia, enquanto lá fora a chuva tocada pelo vento fustigava impiedosamente as roseiras do jardim. Entre essas histórias uma houve que calou profundamente no meu espírito e que eu hoje procurarei reconstituir com todos os detalhes com que me foi contada: é a história magoada e triste do Negrinho do Pastoreio. Babú, pela insistência dos meus pedidos, repetiu-a muitas vezes para mim mais e mais tarde quando ela, a pretinha, já era então apenas uma saudade na minha lembrança, houve quem me afirmasse que o negrinho do pastoreio existira em realidade e que a tragédia da sua vida se desenrolara, tenebrosa, incrível e sobrehumana, na fazenda do Remanso, no Estado do Espírito Santo. Lenda ou verdade, ela ficou no meu subconsciente como um retalho de cor muito viva que eu neste momento destaco da colcha enorme da minha saudade apresentando-a aos meus caríssimos ouvintes como uma homenagem àquela que a deixou gravada no meu espírito e ao mártir que foi o negrinho do pastoreio si é que ele em realidade viveu e sofreu como tantas vezes a Babú me contou e como também a vós, outras Babús hão de ter contado. Este é, caríssimos ouvintes, um retalho de seda rara, que destaquei, para vosso enlevo, da confusão dos retalhos de chita!

SPEAKER : - (Após uma pausa) E assim Roberto Lis e seus artistas vos apresentam - A HISTÓRIA DO NEGRINHO DO PASTOREIO.

/// (CARACTERÍSTICA MUSICAL) (Navio negreiro)

Esta história que será dividida em quatro capítulos, obedecerá, no de hoje, à seguinte distribuição:

Gomercindo - O proprietário da fazenda do Remanso - Carlos Moré.

Gaudêncio - irmão de Gomercindo e Capataz da Fazenda - Edmundo Lis.

Yáya Rosinha - Filha de Gaudêncio - Lília Maria.

Oswaldo das Mercês do Rosario - O negrinho pastoreio - Claudio Real.

A escrava Maria de Paula - mãe do negrinho - Lília Maria.

O escravo Jeronimo Antonio da Conceição - tio Totônio - o pai do negrinho - Alberto de Macedo.

Tia Maria Inácia - escrava velha - Carmen de Alencar.

Tia Maróca - f escrava mais velha da Fazenda - Branca Maróca.

Nhô Constancio velho escravo - Roberto Lis.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL)

TECNICA : Ouve-se um cachorro latir ao longe.
Ouve-se o ruído de um carro ao longe, passa perto e se afasta novamente.
Ouve-se o mugir das vacas e o piar dos pintos.
Um sino ao longe, bate lentamente as seis badaladas das Ave Maria.

Constancio - (cantando) Ave Maria seia de gl'ça o sinhô é co'vosqui, bi'ndita sois vóis entle as mulhé e bi'ndito é o fluto de vosso ventle Zizuis. Santa Maria mãe de Deus, logai pul nóis pecadô, agola e na hola de nossa molte, man Zizuis. (pausa) Lovado seza nosso Sinhô Zizuis Clisto, tia Maria Inacia.

Inacia - Pala semple seza lovado, nhô Guastango.

Constancio - Nhá Maria za teve a criança?

Inacia, ~~4/4~~ -- Hum, hum, Neglinho tá custoso de sacê, nhô Guastango.

Constancio - Capaiz que Deus Nosso Sinhô plimitá que seze hozi.

Inacia - Hum, hum, nega véia nem acilidita mais. Poble da Fleta Maria tem suflido, pai do céo.

Constancio - Nessa hola saglada das Ave Maria, pleto véio lezô pur ela, tia Maria Inacia.

Inacia - Poblesinha pelcisa que a Vilge do Lusálio azude ela. Tá tão flaquiana, tão sumidinha que inté faiz dó a zente vê.

Constancio - Tá bão, tia Maria Inacia, zá tá na hola da zente adiscansá da tia baiêla do dia. Dibuiemo munto mío, hozi. Tlabaio lendeu bastante.

Inacia - Lendeu, sim. Agola bano pla cacimba passa um mucado d'água na sala e nas mão e depois bano na senzala pla vê a poblesinha da nhá Maria. Tumála Nosso Sinhô dos Passos que o Neglinho zá tenha nascido.

TECNICA *dáqui.* Ruído de carro ao longe, aproxima-se, passa perto e some-se aos poucos. Latidos de cachorro a princípio perto e depois apagando-se. Uma badalada de relógio.

Comerciado - É preciso providenciar amanhã, mano, para o início da tosquia das ovelhas. A lã deve ser remetida para Vitória até o fim do mês corrente afim de que eu não falte á palavra assumida perante os compradores.

Gaudencio - Não tenha cuidado, mano, que a palavra será mantida. Já comuniquei aos escravos que mal terminem a marcação do gado novo da fazenda será iniciada a tosquia.

Comerciado - Que houve esta manhã com o tordilho que quando passei pela estrada, no carro, em direção á vila, avistei dentro do campo o bicho á cabresto, puxado por um escravo seguido de outros dois, na direção das cocheiras?

Gaudencio - Nada de maior, mano. Gravou um espinho na pata e os escravos trouxeram o dito pra cocheira. Custou um bocão tirar porque ele estava muito profundo, mas afinal conseguiram.

Comerciado - Bem me pareceu, de longe, que o tordilho ia renguiando. Isso é relaxamento desses negros semvergonha que não botam sentido nos animais.

Gaudencio - Já apasaram todos tres meia dúzia de vergastadas cada um.

Comerciado - Esses negro só a chicote.

Gaudencio - É o chicote não se faz de rogado pra eles, mano, não se preocupe. (passos que se aproximam)

Comerciado - O que foi negra Maréca?

- daqui...*
- Maróca - Meu sinhô já tá selvido?
- Comerciando - Já. Póde tirá essa porcaria desses prato que a janta hoje não valeu nada.
- Maróca - Discurpe, meu sinhô. A tia Maróca faiz o que póde, mais ela tá véia, tá cansada. Amianã, si Deus Nosso Sinhô acunsinti, a preta véia faiz uma janta mais milhó.
- Gaudencio - É preciso, sim, é preciso. O seu Senhor trabalha todo o dia tem que comer bem.
- Maróca - Preta véia sabe, nhô Gaudencio. Ela faiz o que póde. Preta véia tá muito cansada, meu sinhô.
- daqui*
Comerciando - Cansada de que, negra lamurienta se o teu serviço é apenas cuidar da cosinha? Tu ainda te queixas?
- Maróca - Preta véia num tá se queixando, meu sinhô. Tá se disculpando só.
- Comerciando - Está bom deixa lá de conversa e serve-nos o café.
- Maróca - Tia Maróca vai buscá ele, sim sinhô. (passos que se afastam)
- Gaudencio - Essas negras depois que chegam a uma certa idade ficam mesmo imprestavel. A um diabo desses ~~xxxxxxgaxxx~~ de mais de oitenta ano ninguém é louco comprá, sinão se passava adeante.
- Comerciando - O chicote aí também não dá mais resultado porque era capaz de botá esse diabo na cama e ainda ia dá trabalho pra gente.
- Gaudencio - É por pensar isto mesmo que muitas vez esse diabo dessa negra tem se escapado de boas chicotadas. Vontade não me falta.
- Comerciando - Não paga a pena. Metê o chicote numa nega de mais de oitenta anos é pra matá essa desgraçada.
- Gaudencio - É pra fangi que dá não satisfaz. O bom é quando se póde purá bem o chicote que ele chega a zuni ante de estalá no couro. (passos que se aproximam)
- Maróca - Olá o café, meu sinhô. (ruído de chicara) Veje si tã bão de doce.
- Comerciando - Tá bom. A afilhada onde é que está?
- Maróca - Tá lá na varandinha, meu sinhô. A tia Maria Inacia tá fazendo companhia pra ela.
- Gaudencio - Ela já jantou?
- Maróca - Num quiz cumê nada, quagi, nhô Gaudencio.
- Comerciando - É preciso fazê vi o medico da vila pra examiná essa minina. Anda comendo muito poco. Criança de treis ano precisa se alimentá melhor.
- daqui*
Gaudencio - Amanhã vou levá ela na vila. O mano me empresta o carro pela manhã ou pela tarde, quando possa estar desocupado.
- Comerciando - Manda um desses negro chamá ele pra vi aqui. Não precisa levá a minina lá. (passos que se aproximam) O que foi negra ~~Inacia~~. Porque essa cara tão assustada? O que aconteceu?
- Meu sinhô... Meu sinhô...*
Inacia - A escrava Maria Paula tá tendo a criança, meu sinhô.
- Parece que...*
Comerciando - A bem, tava custoso esse diabo. *meu* Vamo até lá vê a orla dessa negra.
- (GONGO) (ANUNCIOS) (GONGO)

Publicidade.

- TECNICA : - (Batem oito badaladas ao longe) (Choro de criança recém nascida)
- Inacia - Bamo, neglinho bamo. Num faiz barulho que a mãe tá duentinha, neglinho.
- Jeronimo - Tarveiz ele teje cum fome, o inucente. mas a mãe tá com fébre prá dá maminha pre ele.
- Inacia - A tia Malia Inacia vai fazê um chasinho pre ele. Sigula ele um mucado mecê, nhô Jeronimo.
- Jeronimo - Xavê o neglinho aqui. (pausa) Tá. Bamo, neglinho, bamo. Tá no colo do pai, num percise chorá. A tia Malia Inacia já foi perpará um chasinho. (o Choro continua)
- Paula - (voz muito fraca) Traiz ele aqui, véio.
- Jeronimo - Mecê tá flaca minha véia? Dera ele aqui que eu acomodô ele.
- Paula - Me dá afrição vê o pobresinho chorá.
- Jeronimo - Vai cansá dos braço de mecê, mecê tá sem folga.
- Paula - Num faiz má. Bóta ele aqui. (pausa) Anssim, dereitinho, pecto de mãesinha dele. Hum, hum, hum, hum, hum. hum, hum. (segue acalutando alguns momentos até que a voz da criança cessa) (passos)
- Inacia - Já se acomodô o inucente?
- Paula - Já. Agora tá com os oinho fechado.
- Jeronimo - Magrinho que nasceu o pobresinho.
- Inacia - Tombem pudéra. A mãe sempre no trabalho até os urtimo momento.
- Jeronimo - Dá aqui o chasinho que eu dô pre ele bebê.
- Inacia - Tá. E mecê nhô Malia de Paula trata de dumi e discansá que dentlo de dois, tleis dia o capataiz zá bota mecê ota veiz ao blabaio. (passos arrastados sempre a mesma distancia do microfone)
- Maróca - Mecê vem da senzala, nhô Malia Inacia?
- Inacia - Venho, tia Malóca. Fui levá um sázinho plo neglinho de nhô Malia de Paula.
- Maróca - Já lascolero o nome do inucente?
- Inacia - E o sinhô inda num disse como vai samá o neglinho.
- Maróca - O pobresinho nasceu tom magrinho, os oinho tom triste, é de se munto infeliz a vida toda o poblisinho do inucente.
- Inacia - Olado, em Cluiz, tia Malóca num diga isto que os anjo do Sinhô pôde dizê amen.
- Maróca - Si sê da vontade de Deus ô que é que a gente pôde fazê? tem que se acumfolá.
- Gaudencio - (gritando longe) Olha essa luiz na senzala. Apaga esse lampião negros do inferno. Daqui a pouco eu vô aí e faço voceis apagá ele a chicote. Amanhã é dia de trabalho voceis tem que levantá cedo, iscumungados! Agora por causa dum diabo dum negro que nasceu voceis vai queimá azeite a noite toda?
- Inacia - Misiricórdia! é nhô Gaudencio! Dera eu i lá duma veiz apagá essa luiz inhaute que essa marvado faça corré o chicote nos negro tudo! (PAUSA)
- TECNICA : Canto de passaros. - Cinco badaladas espaçadas. Sino batendo forte.

- á Nossa Senhora do Rosário, sua madrinha, para livrá-lo do chicote do feitor. São passados dez anos!... Oswaldinho é já um moleque crescido e sua ocupação é cuidar os animais pastando no campo de onde lhe veio o apelido de Negrinho do pastoreio.

(ouve-se o galope longuínquo de um cavalo que se vem aproximando aos poucos até chegar junto do microfone)

- Negrinho - Bamo, Turdinho, bamo andrá depressa que o neguinho precisa chegá inhante do patrão sinão ele vai apanhá munto chicote. Yayá Rosinha e tia Inácia já deve de tá afrita. Corre, Turdio, corre. Avú por esses campo sinão o neguinho do pastoreio vai apanhá munto. Ele tem que tá lá pra arrecoiê as vaca e as ovela inhante que o sinhô Gumel cindo chegue de vorta lá da vila. (pausa. Só se ouve o cavalo dis parando.) Avú Toórdio! Se o neguinho chegá dispois o chicote vai cantá no lombo dele! Nossa Sinhora do Rosário, minha madrinha, bote aza nesse turdio pra eu pude chegá mais premero que eles. Eles me derô olde de não sai dos campo da fazenda e de arrecoiê o gado, todo pros currá inhante das Ave Maria. E se o neguinho não obedece as ólde que arrecebe.... (assobio(óia o chicote cantando no lombo dele! E o neguinho é senveigoinho memo. Ele sabe que o feito num leva ele de cumpade maiz sempre vai fazendo as coisa dele. (pausa ruido do cavalo) Bamo, Turdio, bamo. Avú que já tá começando a es curecê. Eu acho até que já passô as Ave Maria. Neguinho hoje vai apanhá munto (assobio) Já tô sintindo o chicote no côro. (um si- no ao longe, começa a bater seis badaladas espaçadas) Nossa Sinhora do Rosário, minha madrinha, tá batendo as Ave Maria. Me socorra pe- lo amor de Deus!... (o ruido do cavalo cai se afastando do microfo- ne até se perder totalmente na distancia.) (pausa)

Maroca Vilge Nossa Sinhora, tá bater Ave Maria e a paste do neguinho até agola num apaleceu. Me é que a zente vai dize si abô Gaudêncio aper- curá por ele, minha fia?

Rosinha - Deixe, tia Inácia, não se preocupe. Deixe que Yayá Rosinha dará uma desculpa qualquer. Eu vou distrair papai e titio até que ele chegue.

Maroca Vai, minha fia, vai. E que Nosso sinhô dos Passo e a Vilge do Rusa- lio porteja yayá Rosinha. (passos que vão seguindo sempre á mesma distancia do microfone) *Maroca - Tá minha fia, vai que n. é. tá acun- pante.*

Comerciando - Onde é que voce andava, afilhada?

Rosinha - Estava sentada na varanda, meu padrinho, vendo o por do sol. Océu estava tão bonito! Parecia um laceradio!

Gaudêncio - Você precisa perder essas manias de romantismo, menina. Não gosto disto.

Rodinha - Ora, paisinho que mal tem?

Gaudêncio - Não quero. Sua mãe também era assim e sofreu muito por causa disto.

Rosinha - sofrer é da vida, paisinho. Todos nós devemos receber o nosso qui- nhão. Não há quem possa fugir ao sofrimento.

Gaudêncio - Está vendo, mano?

Comerciando - São coisa que ela escuta os negro dizê e depois repete. Voca nem sabe o que é sofrimento, afilhada. Voca tem uma vida tranqüila, uma vida feliz.

Rosinha - Não é tanto quanto p padrinho pensa.

Comerciando - Porque? Tens alguma coisa que te faz sofrer?

Rosinha - Tenho, padrinho.

Comerciando - O que é? Vamos, diz.

- Rosinha - Não gosto de ver os escravos sofrerem e sofro junto com eles, meu padrinho.
- Gaudencio - Não gostas de ver os escravos sofrer? Mas o que sofrem eles?
- Rosinha - Ora, pai, sofrem tanto! Trabalham como burros de carga e ouvem sempre recriminações ao que fizeram de tão boa vontade. São castigados pela menor falta, pelo menor cachilo e castigados de que forma! Apanham que os corpos chegam a sangrar. Isto me faz sofrer. Eu queria que eles fossem tratados com mais carinho, com mais brandura. Eles são tão bons! Tão dóceis! Tão nossos amigos! E afinal é preciso concordar que são criaturas de carne e osso como nós. (Risa da gostosa de Gomercindo)
- Gaudencio - Deixa-te de estar aí a dizer bobagens, menina. Tu não conheces a vida nem sabes o que são os negros. É uma raça ordinária, uma raça inferior que precisa ser tratada a chicóte para bem de conduzir-se direito. Uma recriminação que seria o suficiente para fazer sofrer a ti ou a qualquer outro branco para eles não tem a menor significação, a mais leve importância. Eles precisam sentir o couro doer e sangrar para compreenderem que fizeram alguma coisa mal feita.
- Gomercindo - É isto mesmo. É tal e qual. O mano é que tem razão. Se não fosse a energia que ele emprega com os escravos esta fazenda há muito tempo que já tinha ido águas a baixo.
- Gaudencio - É por falar nisto eu preciso ver se o gado já foi recolhido.
- Rosinha - Um momento, paesinho. Sabe que eu queria lhe pedir um grande favor?
- Gaudencio - Um favor a mim? O que quer você menina?
- Rosinha - Há muito tempo que eu tinha vontade de ouvir o senhor e o padrinho cantarem o luar do sertão como cantaram aquela noite que houve festa na fazenda do Remanso, lembram-se?
- Gaudencio - Ora, menina, você tem cada ideia.
- Gomercindo - Não custa, mano, ela está com vontade.
- Gaudencio - Está bem vamos cantar, porem primeiro vou ver se o gado foi recolhido.
- Rosinha - Não paesinho. Cantem primeiro. A vontade que eu tinha era de ouvir o Luar do Sertão a esta hora do por do sol. Depois o senhor vai ver o gado. Pode demorar-se e ao voltar já ter anoitecido.
- Gaudencio - Pois á noute, com o luar é que ele fica mais bonito do que é.
- Rosinha - Mas eu queria agora, paesinho. Faça-me a vontade. O padrinho já concordou.
- Gaudencio - Estás ficando muito cheia de vontades. Traz de lá os violões.
- Rosinha - Pois sim, paesinho. Vou busca-los em seguida. (passos sempre á mesma distancia do microfone) (chamando com cuidado, á meia voz)
- Inacia! Tia Inacia!
- Inacia - (um pouco á distancia) O que é, minha fia?
- Rosinha - Ele já veio?
- Inacia - Ainda não, minha fia. A preta véia tá lezando, tá lezando e ele num qué segá.
- Rosinha - Diga ao nhô Constançio que vá lá para a porteira e avise a ele para entrar pela frente da casa que eu vou distrair o papai e o padrinho na varanda dos fundos.

- Inacia - Tá bem, minha fia, a tia Inacia zé vai zé zé. E que Deus abençoe a mecê, yayá Rosinha. (passos que seguem sempre á mesma altura do microfone)
- Rosinha - (após uma pausa longa em que só se escutam os passos) Pronto, estão aqui os violões. Comecem depressa antes que anoiteça completamente.
- Gaudencio - É a mãe dela igual, igual! (Cantem o luar do sertão fazendo uma vez um e uma vez o outro o sólo. No côro cantem os tres juntos)
- Rosinha - Que bonito!... Tanta vontade que eu tinha de ouvir isto ao cair da tardinha. Veja, padrinho, veja papai. Já escureceu completamente e a lua já está brilhando no céu.
- Gomercindo - Estamos na hora do jantar. Vamos.
- Rosinha - Espere um pouquinho, padrinho. Um pouquinho só. Deixe-me olhar um pouco mais a lua. Ela está tão linda!
- Gaudencio - Vamos, menina, acabe com essas bobagens. (Ruido de cavalo á distancia) Vai chegando alguém. Quem será?
- Rosinha - Quem foi ha de vir procura-lo. Olhe paisinho: veja que brilho magnifico que a lua tem. Porque a sua luz é tão branca, paisinho?
- Gaudencio - Espere, menina. Cale a boca. (O ruido se aproxima um pouco mais e para antes de se aproximar totalmente.)
- Gomercindo - O que é mano?
- Gaudencio - Nada. Vou olhar daqui quam foi que chegou.
- Rosinha - (baixo) Valha-me Nosso Senhora! (alto) Paisinho, vamos jantar que está na hora.
- Gaudencio - (rispido) Espere, menina. (pausa) Ahn!... é ele. O negrinho do pastoreio. Agora que se recolhe, viu mano?
- Rosinha - Sabe o que foi, paisinho? Ele veio aqui buscar um pano e creolina para curar a pata de uma novilha que se feriu contra o arame de espinho. Naturalmente foi por isto que demorou mais um pouco.
- Gaudencio - Eu já vou saber. (gritando) Negrinho! Oh negrinho!...Vem aqui duma vez negro do diabo. Não estás ouviado eu te chamar?
- Negrinho - (longe) Já vô, meu sinhô o neguinho já tá indo.
- Gaudencio - Esse negro só a chicote! Não ha geito de obedecer de outra forma as ordens que recebe. Onde é que estavas, diabo, que recem chegaste?
- Negrinho - (perto) Tava no campo, sim sinhô. Tava cuidando o gado. Arricem cheguei.
- Gaudencio - Eu já não dei ordem que o gado seja recolhido á hora da Ave Maria?
- Negrinho - Deu, sim sinhô.
- Gaudencio - Porque não obedeceu as minhas ordens?
- Negrinho - É que...
- Rosinha - Eu já lhe disse, paisinho...
- Gaudencio - Cale-se. Não é com você que estou falando.
- Negrinho - É que...um telero fugiu...e eu tive de ia percurá ele.
- Gaudencio - Viu, mano, a contradição?

" A VIDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO "

- Um programa de Roberto Lis.-

2º CAPITULO

(Característica musical forte e depois fazendo fundo ás palavras do speaker)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM: - " A VIDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO".

(Característica forte e depois fazendo fundo novamente)

(ANUNCIOS)

SPEAKER : O episódio de hoje terá a seguinte distribuição:

Oswaldo das Mercês do Rosario - O negrinho do pastoreio -	Claudio Real.
Seu Gomercindo, o proprietário da Fazenda do Remanso -	Carlos Moré.
Seu Gaudencio, o capataz da fazenda, irmão do Gomercindo-	Edmundo Lis.
Yáyá Rosinha - filha de Gaudencio e afilhada de Gomercindo-	Lilia Maria.
Tia Maróca - a mais velha escrava da fazenda -	Branca Margarita.
Tia Inacia - Velha escrava também -	Carmen de Alencar
Nhô Constancio	Roberto Lis.
Encarregado do Estudio	Emilio Belo.
Sonofonia de	Willy Rodrigues.

(Característica musical forte)

ROBERTO : - A historia do Negrinho do Pastoreio, que, como já disse aos meus ouvintes, é um retalho de seda rara na confusão dos retalhos de chi ta da colcha enorme e multicoor das minhas recordações, será vivida esta noite em seu segundo capitulo, numa evocação amarga do que fo ram os horrorres da escravidão, nódoa repulsiva na historia de um povo essencialmente bom, humano e cristão. Já houve quem dissesse que deveríamos recordar, apenas, os momentos lindos do passado das nossas vidas, mas eu tenho para mim os momentos amargos e até mes mo aqueles que nos humilhem e envergonhem, não devem ser esqueci dos jamais para que a sua lembrança paire, nas nossas vidas, como uma advertencia para o futuro. Assim, não me parece extemporaneo l lembrar os horrorres que sofreram os póbres negros numa época que felizmente já vai bem longe, para que mais amemos a nossa liberda de e mais desejemos conserva-la, lutando por ela com todo o nosso vigor, com toda a nossa coragem, com toda a nossa energia!...

Antes de começar o segundo capitulo da historia magoada e triste do negrinho do pastoreio, foçamos uma ligeira recapitulação do pri meiro capitulo que póde ser resumido no seguinte:

Oswaldo das Mercês do Rosario, era filho dos escravos Maria de Pau lo e Jeronimo Antonio da Conceição, mais conhecido por tio Totonio. Quando Oswaldo nasceu, a tia Maróca, - a escrava mais velha da sen zala da Fazenda do Remanso - disse que o inocente seria muito in feliz. E o seu prognóstico não se fez esperar. Quatro mezes depois do seu nascimento morria seu Pai e passados mais alguns dias sua mãe tinha igual destino, ambos vitimas da tuberculose proveniente da humidade da senzala. Oswaldo ficou entregue á tia Maria Inacia e a nhô Constancio, que com ele sofriam todos os horrorres dos cas tigos que constantemente lhe era infringidos. Desde pequenino já lhe fôra imposta a tarefa de cuidar dos animais que iam para o campo pastar de onde lhe veio então o apelido de "negrinho do Pas toreio". Seu Gomercindo e seu Gaudencio, sem levar em conta a pou ca idade do negrinho, castigavam-no impietosamente por qualquer coisa que acontecesse aos animais ou pela mais insignificante tra vessura que na casa grande ou na senzala o negrinho pudesse pra tificar. No primeiro capitulo deste programa o negrinho do pastor reio, transgredindo as ordens do capataz da Fazenda, recolhia-se

para a casa grande depois do toque das Ave Maria o que lhe valeu o castigo de ser amarrado ao tronco e espanhar uma série de chibatadas. E agora vamos encontrar Yáya Rosinha, que inutilmente tudo fizera para evitar-lhe o castigo, chorando no silêncio do seu quarto, a dor que o negrinho estaria sentindo, e a noite horrorosa que por certo ~~va~~ passaria amarrado ao tronco e com o corpo a gotejar suor e sangue.

(Característica musical forte, afastando-se depois até desaparecer)
(passos arrastados que se aproximam)

Inacia - O que é isso, minha fia, mecê ainda tá solando?

Rosinha - (chorando) Estou tia Maria Inacia. Não me posso conformar com as maldades que papai e tirio fazem para este pobre negrinho. Então não veem como ele sofre? Não veem que seu ~~corpinho~~ fica todo em feridas e que elas doem na carne do preto da mesma forma que doem nos brancos?

Inacia - (chorando) Num sóla, minha fia. Tia Maria Inacia zá foi lá incundi-do e zá botô lemedio nas filida dele.

Rosinha - Ele está muito machucado, tia Maria Inacia, está?

Inacia - Um mucadinho só. As filida zá num tão mais sanglando.

Rosinha - Mas ele vai passar a noite toda amarrado aquele tronco, pobresinho. Ele resistirá, tia Maria Inacia? Ele ainda estará com vida amanhã?

Inacia - Deus Nosso Sinhô e a madrinha dele, a Nossa Sinhola do Lusálio é de dá foça pro neglinho e ele é de lesisti a todos os sufrimento.

Rosinha - Porque fazem assim com ele, tia Maria Inacia, porque?

Inacia - Pluquê o neglinho nasceu pla soflê, minha fia.

Rosinha - As vezes fico pensando que se Deus fosse como dizem tão bom e tão poderoso não haveria de consentir que fizessem sofrer tanto os negros. Eles são tão bons, trabalham tanto! Como pôde Deus consentir uma coisa assim?

Inacia - Num diz anssim, minha fia. Deus é bão e pudeloso e si hoze os home sófle e passa tlabaió é porquê tombem feiz soflê e passá tlabaió o fio dele nosso sinhô Zizuis Ulisto que tombem era bão e que os home intá na cluiz plegaro ele. Deus Nosso Sinhô sabe o que faiz, minha fia. Cada um de nós tem a nossa cluiz pla calegá. A do neglinho é essa o que é que a zente vai fazê?

Rosinha - Tia Maria Inacia, eu queria que a senhora me fizesse um grande favor a senhora faz?

Inacia - Facó, minha fia, faço tudo que Yáya Lósinha quizé. Póde dizé o que é que a pleta véia tem que fazê.

Rosinha - Eu queria que a senhora fosse lá na zenzala e me trouxesse uma cober-ta dele para botar por cima do seu corpo senão ele vai sentir muito frio durante a noite.

Inacia - Tá bem, minha fia, a nega véia vai buscá. O que a pleta véia num sabe é como vai intlá lá depois pla tapá o colpo do neglinho. A polta tá fessada cum a save.

Rosinha - A senhora não precisa ir lá, tia Maria Inacia. Deixe que eu mesma irei. Só o que eu quero é que me traga a cobertura dele da zenzala.

Inacia - Tá bem, minha fia eu tlogo. Mais como é que a minha fia vai lá lá?

Rosinha - Eu pulo a janela que eles deixaram aberta só por maldade para que o negrinho sinta mais frio durante a noite.

Inacia - Minha fia tenha munto cuidado pre eles não vê ela sinão o poble do neglinho é que vai soflê ainda mais castigo.

- Rosinha - Não se preocupe, tia Maria Inácia, eu terei cuidado e ninguém me verá. Nossa Senhora do Rosario ha de me ajudar.
- Inácia - Tá bem, minha fia, ~~xxxxxxxxxxxx~~ então a nega véia vai buscá a cubelta.
- Rosinha - E eu vou á despensa roubar um pouco de pão e linguiça queo coitadinho ficou sem jantar e deve estar com fome.
- Inácia - Vai, minha fía, vai, e que Deus Nosso Sinhô le acumpanha.
(passos que se afastam) (pausa) (batem nove badaladas espaçadas)
- Negrinho - (quasi num gemido, com dificuldade) Quem é...que tá aí?....
- Rosinha - (baixo) Sou eu, Vadinho, não fala alto.
- Negrinho - Yáyá, Rosinha?....
- Rosinha - Eu, sim. Vim trazer uma coberta para você e um pouquinho de pão com linguiça.
- Negrinho - Yáyá Lósinha...é munto...boa. Neguinho...num tem vontade...de cumê.
- Rosinha - Come sim, Vadinho. Yáyá Rosinha trouxe uma comidinha tão boa pra ele.
- Negrinho - Negrinho...num póde...tá com as mão...amalada. Feitô...amalô ele...
- Rosinha - (chorosa) A Yáyá Rosinha dá na boca de você, Vadinho, come.
- Negrinho - Yáyá Losinha tá chorando...puquê?
- Rosinha - Porque me corta o coração ver como judiam com você. Eu queria que todos fossem bons para você e todos o maltratam tanto!...(chora)
- Negrinho - Neguinho zá tá acostumado, yáyá Losinha, num precisa...ficá tliste. O cicóte...zá feiz cama...no couro dele....que nem não dóe...quagi.
- Rosinha - (chorando) Dóe, sim. Você quasi nem póde falar de tanta dor. D Deixe botar-lhe esta coberta por cima. Você com as costas assim nuas poderá apanhar uma pneumonia. (gemido do negrinho) O que foi, Vadinho, doeu?
- Negrinho - Não foi nada, não....Yáyá Lósinha.
- Rosinha - Agora a Rosinha vai dar o pão e a linguiça que ela trouxe pra o Vadinho comer. Está. Dê uma dentadinha aqui. (um gemido e ruído de mastigar) Está bom? Está gostoso?
- Negrinho - (mastigando com a boca cheia) Tá bão, sim...yáyá Lósinha. Tá gostoso. Neguinho...inté...zá se ansqueceu-se...das dóri.
- Rosinha - Tem que comer todo esse pedaço, que é pra Yáyá Rosinha não sair daqui tão triste como ela está.
- Negrinho - Num pelcisa...sai tliste, yáyá Lósinha. Neguinho...agola...tá tão cuntento...que nem num sente mais....nada. Yáyá Lósinha póde í alégle.
- Rosinha - Não posso, Vadinho. Nem vou dormir a noite toda lembrando que você ficará aqui amarrado neste tronco.
- Negrinho - Neguinho zá tá acostumado, yáyá Lósinha. Neguinho...vai dlumi toda noute. Vái intá loncá.
- Rosinha - Dá mais uma dentadinha aqui. Tem que comer todo este pedacinho. (ruído de mastigar) Amanhã bem cedo nhô Constancio vem aqui pra levar a coberta antes que eles se levantem.
- Negrinho - Munto, bligado...yáyá Lósinha...munto bligado. Yáyá Lósinha...é o anzo bão do Sinhô...que a nossa...sinhóla...do Lusálio mandô...píá móde aleglá o infelno...da vida do Neguinho do Pastoleio.

(GONGO)

(ANUNCIOS)

(GONGO)

Gomercindo - É preciso, mano, apurá mais esses negro. A tosquia tá muito embromada. Essa lá precisa estar em Vitorio antes do fim do meiz. Tenho a palavra empenhada aos comprador.

Gaudencio - Por falta de chicote não é que eles não seativam, mano. Hoje foi um dia nenhum desses diabo escapou de um chácotasso. Mas também graças á minha energia lhe garanto que se cortou mais umas arrouba de lâ do que ontem.

Gomercindo - Até domingo se a lâ não estivé toda tosquiada eles vão trabalhá o domingo intero, de sol a sol. Ficam sem folga a semana.

Gaudencio - Foi o que hoje eu disse pra eles. (pausa) É negrada bem ordinária! Não se póde dá uma folga ao chicote porque já o trabalho deixa de rendê.

Gomercindo - Segunda fera quero vê se já se começa o embarque.

Gaudencio - É preciso, sim.

Gomercindo - (após uma pausa) Está linda a noute! A luz da lua clareia tudo como se fosse dia!...Traz os violão, mano hoje a noute tá convidando a gente prá tocá.

Gaudencio - Vô buscá eles. (passos que se afastam)

Gomercindo - A gente vai ficando velho mas mesmo assim não perde certas mania que em moço se adequiriu. Quando eu era rapazsôte numa noute assim como esta saía de deresta com dois ou trez amigo e passava a noute intera a cantá nas janela das casa das moça conhecida. Hoje tô velho, cabeça quasi toda branca mas o diabo da lua ainda me faz vontade de tocá e de cantá. Bem que se diz que o habito do cachimbo deixa a gente de boca torta. (um cachorro late longe e os latidos cessam um pouco depois) Cala a boca, brasão. Fica queto, diabo. (passos que se aproximam)

Gaudencio - Tão aqui os violão, mano.

Gomercindo - Vamos cantá então qualquer toada. Estão afinados?

Gaudencio - Parece que sim. Póde-se ver. (ouve-se experimentar a afinação de dois violões) Estão.

Gomercindo - Começa lá, então. (ouve-se uma toada sertaneja tocada por dois dois violões. Tocam até o fim.)

Gaudencio - (quando a musica termina) Tem alguem ali no canto do avarandado. (alto) Quem é que tá aí?

Constancio - (de uma certa distancia) Não é ninguem não, nhô Godencio. É nhô Constanço que tá aqui.

Gaudencio - (rispido) O que é que estavas fazendo aí?

Constanço - Me aproximei plá móde ovi a musga, nhô Godencio. Tava tão munita.

Gomercindo - Chega-te aqui, ô negro. Vem cantá uma daquelas tuas cantigas, anda.

Constanço - Sim sinhô, meu patião. O que é que o meu patião qué que o nego véio canta?

Gomercindo - Canta aí qualquer coisa daquelas tuas.

Constanço - Vô cantá intonce a Sáadeque o meu patião pediu uma veiz plo nego véio cantá. (Canta a " Saudade está comigo), acompanhado aos violões. (pausa) (batem quatro badaladas espaçadas)

Gaudencio - Olha como está este cavalo suado, negro ordinario e semvergonha.

- Negrinho - Neguinho teve que colê, nhô Godencio. A cóbla vinha colendo atraiz do cavalo quelendo dá o bôte.
- Gaudencio - Eu sei. Eu acredito nesta historia como em todas as que tu me contas, negro atôa. Onde é que está o rebenque?
- Negrinho - Neguinho dessô caí das mão na dispalada, nhô Godencio. Neguinho vai percurá ele.
- Gaudencio - O negrinho deixou caí das mãos, não é? Pois eu vou te ensinar a não ter as mãos furadas. Tia Maróca, traga de lá a palmatória.
- Maróca - A nega véia num sabe adonde tá, meu sinhô. Já percurô ela de minhã e num incontrô.
- Gaudencio - Eu sei onde ela deve estar. Peça á Rosinha que lhe entregue a palmatória. Foi ela que a escondeu, com certeza. Se ela não achar a palmatória vai sê pior pra este negro porque aí ele vai outra vez lá pro tronco.
- Maróca - Tá bem, meu sinhô, a pleta véia vai pidi plá Yáyá Lósinha. (passos que se afastam, arrastados)
- Gaudencio - (falando para longe) E depressa, depressa que eu não estou disposto a ficar esperando. (pausa) Com que então quasi me arrebatas um dos melhores cavalos a disparar duma cobra, me dizes tu, não é negro atôa?
- Negrinho - Pur essa luz divina que alumeia o neguinho, o neguinho zura que tá dizendo a veldade.
- Gaudencio - Eu sei. Eu te conheço muito bem, a palmatória tambem fala a verdade. Vais apanhar uma duzia de bolos e depois vais lavar o cavalo. (passos que se aproximam)
- Rosinha - Meu pai, o senhor mandou pedir a palmatória?
- Gaudencio - Mandei. Vou castigar este negro por ter deixado o cavalo neste estado e ter perdido o rebenque no campo. Vai apanhar uma duzia de bolos depois vai lavar o cavalo e vai procurar o rebenque. Se não achar apanha outra duzia de bolos que é para aprender a não deixar cair as coisas da mão.
- Rosinha - (tremula) Uma duzia de bolos, meu pai?
- Gaudencio - Uma duzia sim. E é pouco, ainda. Devia dar-lhe uma duzia em cada mão.
- Rosinha - Dê so meia duzia, paisinho. Treis em cada mão. Já é tanto.
- Gaudencio - É uma duzia já disse. Deixa-me ver a palmatória. (pausa) Agora entende a mão. (estalo do bolo) Um. (gemido do negro)
- Rosinha - Não lhedê com tanta força, papai.
- Gaudencio - (estalo) Dois. (estalo) Treis. (estalo) Quatro. (estalo):cinco.(Estalo) Seis.
- Rosinha - (chorando) Chega, paisinho. Não lhe batas mais.
- Gaudencio - (estalo) Sete. (estalo) Oito. (estalo) nove. (estalo) Dez. (estalo) onze. (estalo) doze. (o negro e Rosinha choram) E fica sabendo que se não achares o rebenque apanharás outros doze.
- Comercindo - (chamando longe) Mano, oh mano, chega aqui na saleta, mano.
- Gaudencio - Já vou lá. Vamos acabar com essa choradeira. (os dois param bruscamente de chorar.) Se quando eu voltar estiveram chorando, setão ambos castigados. (passos que se afastam)
- Rosinha - Pobre do meu negrinho! Como ficaram essas mãosinhas! (choro)

- Neguinho - (chorando) Num chora, yáyá Lósinha. Num chora que num tá duendo.
- Rosinha - Está sim. Se não está doendo porque estás chorando então?
- Negrinho - O neguinho chola poquê num póde vê yáyá Lósinha choló. Num é de dô que o neguinho tá solando, não, é de pena de Yáyá Lósinha.
- Rosinha - Você me desculpa, Vadinho eu ter trazido a palmatória. Se eu não trouxesse ~~era~~ muito pior. Ele ~~amarrava~~ você no tranco e dava-lhe de chicote. Foi por isto que eu trouxe.
- Negrinho - Num faiz má, yáyá Lósinha. Mecê tinha que trazê. Ele mandô o que é que a yáyá ia fazê? (passos que se aproximam)
- Rosinha - (assustada) Cuidado, Vadinho, aí vem ele. Ele nos proibiu de chorar. (disfarçando (Que coisa engraçada, não é mesmo, Vadinho? (risadas)
- Negrinho - (soluçante) É memo, Yáyá lósinha...munto inglaçado...(risos)
- Rosinha - Eu achei tanta graça! Estou com tanta vontade de rir. (ri exageradamente)
- Negrinho - Eu tombem, yáyá Lósinha. Eu to bem tô cum tanta vontade de se li. (riem muito os dois e as gargalhadas vão se misturando com os soluços.)

(GONGO)

(ANUNCIOS)

(GONGO)

- Inacia - O que é que mecê tá fazendo, tia Malóca? Deis ~~da~~ zá hoze que tá tão acupada nessa cusinha.
- Maróca - Tia Malóca tá fazeno um bolo de tapióca que o sinhô dejejô cumê ele na hora da zanta.
- Inacia - O sinhô hozi tava munto bulicido na hora do armoço. Disse que o tlabai dos nego num lendeu quagi nada.
- Maróca - Nego tom cansado de tanto tlabaiá, tia Malia Inacia. No dumingo que é o dia que Deus Nosso Sinhô manda que toda a zente discança, os póbli dos nego tlabai de sóli a sóli e nem anssim o sinhô ~~fiô~~ cunten-to. O suóli segava a incolê pelo colpo dos neglo e o cicóte cantava no côlo deles.
- Inacia - A vida dos nego é anssim, tia Maróca. Eles não naceu blanco tem que sofê sem quessume.
- Maróca - Nega véia zá apanhô munto do feitô quando ela moça agola ela sófli pol vê os otlo sofê. Véia que tá desse zeito e Deus Nosso Sinhô num qué se alemblá de vim buscá ela. Óia que a nega véia tá bem plicisada de um discansio.
- Inacia - É que num segô a hora, tia Malóca. Se a zente pudesse i quano tivesse vuntade, essa que tá aqui tombem ha munto tempo que zá tinha ido simbóla.
- Maróca - Tá bão, dessa butá o bolo no folno que é plá ele na hora da zanta pudê tá flio, sinão sinhô num vai assá bão.
- Inacia - É a nega vai tlatá de ingomá as tuaia da mesa que aminhá é dia de mudá elas. Tem os gualdanapo tombem plá ingomá, tem munto selviço plá fazê.
- Maróca - O fogo hozi tá leinando, num qué azudá a pleta véia. Pleta véia tá cum medo que o bolo num saia bão.
- Inacia - É de saí, si Deus Noso Sinhô quizé. Deus Nosso Sinhô é bão e qué nós tudo na mesma panela. Os blanco e os pleto. Tá bão-inté lógo, tia Malóca, a nega véia vai ingomá.
- Maróca - Vai cum Deus, tia Malia. É que Deus ~~de~~ acumpanhe mecê.

(batem seis badaladas espaçadas)

Constancio - Ave Malia Seia de glâça o sinhô é curvosqui, bim dita sê vóis entle as muié e bindito é o fluto de vosso ventle Zizuis.

Inacia e Maróca - (nuntos com Constancio) Santa Mãia mãe de Deus, logai pul nóis pecadô, agola e na hora da nossa molte Amen Zizuis.
(Bate um sino ao longe o sinal de terminar o trabalho.)

Maróca - Tá batendo o siná plos poble dos nego tliminá o tlabaiio deles. Mimi-nhã cedinho o tlabaiio deles acuntinua.

Inacia - E o bolo ficô bão, tia Malóca?

Maróca - Bão a pleta véia num sabe si tá mas munito ele ficô bastante. Ficô bem doladinho. (pausa) Uái. Adonde é que tá o bolo? A pleta véia tinha dessado ele aqui agola num vê mais ele!

Inacia - Misilicoldia! Qué vê que o neglinho cumeu ele?

Constancio - Não duvido, tia Malia Inacia. Num duvido. O neglinho gosta munto de bolo de tapióca.

Maróca - Minha Vilge Nossa Sinhãla, se isso aconteceu nem quello me alemblá o quanto esse neguinho vai apanhá.

Inacia - Sama ele plá pliguntá, nhô Constanço.

Constancio - (chamando) Oswardo! Oswardo! Adonde é que tu tá, neglinho? Oswardo!

Negrinho - (longe) Tá me chamano, nhô Constanço?

Constancio - Vem aqui na cusinha, um mucadinho, Vem dipfessa.

Inacia - E se esse neguinho cumeu o bolo, o que é que a zente vai fazê, mão do céu?

Maróca - Si desse tempo a tia Malóca fazia otro numa currida.

Constancio - Num vai dá tempo. Tá quagi na hola da zanta. Patlão num dimora segá. (passos que se aproximam)

Negrinho - Nhôs Constanço samô o neglinho?

Constancio - Chamei. A tia Malóca qué te pliguntá uma coisa.

Maróca - Adonde é que tá o bolo que a tia Malóca tinha fazido e que tava aqui nesse plato? (pausa) Fala neguinho. Adonde é que tá o bolo que tava aqui? (pausa) Tu num ove, pestinho, fala. Adonde é que tá o bolo?

Negrinho - O neguinho cumeu ele.

Inacia - Misilicoldia! O patlao vai te matá, neglinho. (passos que se aproximam)

Gaudencio - Vamos, negrada, vamos. Isso não é hora de conversa. O que fazem aqui reunidos? Vamos tratar de botar a janta na mesa que o patrão está esperando para jantar. Não esqueceu o bolo de tapióca que ele recomendou de fazer para hoje?

Maróca - Num insqueci não, meu sinhô. A nega véia feiz mais ele não saiu bão.

Gaudencio - Não saiu bom e porque? Porque não saiu bom?

Maróca - O fogo tava leinando o bolo num ficô cusido num sinhô.

Gaudencio - Ah é? Pois então, mesmo com os seus oitenta ~~anos~~ e cinco anos você vai ver o que lhe acontecerá.

Constancio - Meu sinhô dá licença do nego véio falá?

Gaudencio - O que é que tu queres negro?

Constancio - Tia Malóca tá mintindo. Tia Malóca feiz o bolo e saiu munto bão. Nego véio cumeu o bolo.

Gaudencio - Ah é? Tu comeste o bolo? Está muito bem. Depois do jantar ajustaremos nossas contas. (pausa) (oito badaladas espaçadas)

Gaudencio - Estava bom o bolo de tapióca, não estava? (chicotada) Dezenove. (gemido) (chicotada e gemido) Vinte. (chicotada e gemido) Vinte e uma. (chicotada e gemido) Vinte e duas. (chicotada e gemido) Vinte e tres. (chicotada e gemido) Vinte e quatro. (chicotada e gemido.) E vinte e cinco. Toma mais duas de choro. (duas chicotadas seguidas de gemidos) (passos que se afastam) Outra vez tu has de comer com mais vontade. (gemidos)

Constancio - Minha Nossa...Sinhóla...me dê folça....pão pleto véio...pudê...sopoltá...tanta dô, meu Deus!...

Negrinho - (baixinho e choroso) Nhô Constanço! Nhô Constanço!...Me peldôa nhô Constanço. (chorando) mecê apanhô pul causa do neglinho!...mecê tá soflendo essa dô pul causa do neglinho!...Neglinho tá tom alependido, nhô Constanço. Tom alependido!...

Constancio - Num faiz mal, meu fio...nhô Constancio...premeteu...pra tua mãe-sinha....que ele havia de azudá....o teu soflimento. Nhô Constanço tá azudando...

Negrinho - (chorando) Mecê tá todo massucado, nhô Constanço. O sangue tá escoltendo das filida...e as filida tom duendo no colação do neglinho! Me peldôa, nhô Constanço. Peldôa o neglinho, sim?

Constancio - Num peloisa solá...meu fio. O sangue tá colendo mas com a glaça de Deus Nosso Sinhô, as filida num tão doendo, nada, nada!

(Característica forte)

SPEAKER : Este foi, caríssimos ouvintes, o segundo episodio da Vida do Negrinho do Pastoreio que Roberto Lis escreveu, dirige e interpreta com o moderno conjunto de Rádio Teatro da sua PRF 9.
Foi a seguinte a distribuição desta noite: (REPETE A DISTRIBUIÇÃO)

Ouçam na proxima sexta feita ás mesmas horas de hoje o terceiro capitulo deste romance.

ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTARAM - "A VIDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO".

(CARACTERISTICA MUSICAL FORTE PARA O FIM DO PROGRAMA)

III CAPÍTULO

Falar e Tapas

(Característica musical)

SPEAKER: - Este é o terceiro capítulo da vida do negrinho do pastoreio, segundo uns uma das mais antigas lendas brasileiras e, segundo outros, uma das mais dolorosas realidades vividas no tempo da nossa escravatura, na fazenda do Remango, no Estado do Espírito Santo. Lenda ou verdade, ele retrata a vida dolorosa e triste dos negros daquela época, que, cansados e suarentos, trabalhavam de sol a sol para que o ouro cada vez mais se acumulasse nas arcas dos seus senhores, que, em troca do seu esforço e da sua boa vontade, lhes davam o mais desapiadado e o mais deshumano dos tratamentos. Enquanto as negras, com o mais delicado cuidado e um carinho que bem revelava a bondade dos seus corações, embalavam nos braços cansados os filhos dos seus senhores, dando-lhes até mesmo o seio entumecido ~~uma~~ cujo leite deveria ser sugado pelos seus pobres negrinhos, os seus filhos mais velhos eram amarrados ao tronco e os seus corpos vergastados pela mão impiedosa dos feitores. E elas cantavam para que o sinhosinho branco adormecesse. Cantavam e a sua voz era uma sinfonia de lágrimas, de dor e de saudade!...

(CARACTERÍSTICA FORTE, ENTRAQUECENDO A SEGUIR)

O capítulo desta noite obedecerá a seguinte distribuição:

seu Gomercindo - o proprietário da Fazenda do Remango -	Carlos Moré
seu Gaudencio - irmão de Gomercindo e capataz da Fazenda -	<i>Fazenda do Remango</i> Edmundo Lis
Yayá Roginha - filha de Gaudencio -	Lilia Maria
Oswaldo - O negrinho do Pastoreio -	Claudio Real
Tia Maróca - a mais velha escrava da Fazenda -	<i>Maria Rita</i> Branca Margarita
Tia Maria Inácia - Velha escrava também -	<i>Branca Margarita</i> Carmen de Alencar
Nhô Constanço -	Roberto Lis
Afonso -	<i>Raymundo Frey</i> Candido Norberto
Coronel Melchiades -	Arthur Bastos
<i>um padre</i>	<i>José Pereira</i>
Encarregado do estudio -	Emilio Belo
sonofonia de -	Willy Rodrigues

(CARACTERÍSTICA FORTE, DIMINUIDO DEPOIS)

Antes de darmos início ao terceiro capítulo da vida do Negrinho do Pastoreio, vejamos o que no capítulo passado aconteceu:

Como Oswaldo, contra as ordens do feitor, tivesse ~~nido amarrado ao tronco~~ ~~recolhido o gado para os currais~~ depois do toque das Ave Maria, foi amarrado ao tronco e cruelmente vergastado. Yayá Roginha, que sofria com o negrinho todos os seus castigos, foi à despensa, roubou pão com linguiça e levou às escondidas para o negrinho que ficara sem jantar, chorando lá, com ele, as dores que, por certo, deveria estar sentindo. Após este castigo e outros mais que quasi sempre injustamente eram aplicados ao pobre Oswaldo, ele, cedendo à tentação de um momento, come um bolo de tapioca que nhô Gomercindo recomendara à tia Maróca de fazer para o jantar. Nhô Constanço, prevendo que o castigo ia ser cruelissimo, assume a responsabilidade dessa falta e ficamos justamente no momento em que ele era cruelmente castigado por causa dela sem mesmo ser levada em conta

a sua avançada idade. O negrinho, depois, arrependido, veio chorar com o pobre velho as dores dos chicotões que num doía no corpo, no outro no coração.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, ENFRAQUECENDO DEPOIS ATÉ SUMIR)

(sino batendo o sinal de suspender o trabalho)

- Constancio - Uai, xente! É o siná de assuspendê o tlabaio. ~~Dida~~ num bateu as Ave Maria, o que telá acunticido?
- Inácia - Quem sabe como hozi é o dia da Nossa sinhola da Conceição, o sinhô ale solveu dá uma forga plos nego.
- Contancio - Capaiz que xeje. Tia Maloca disse que uviu falá que vinha uns blanco da cidade, que ia havé festa na Fazenda.
- Inácia - Intonce é de sê pul causa disso que nhô Gumelcindo mandô a pleta pelpa lá dois qualto daqueles que num tava acupado. Que é que oce tem, nhô Cunstancio que tá com a cala tom feia?
- Constancio - Tô com os dedo duído de dibuíá mio! As zunha do nego chega intê a tá com filida nos canto. Nego tá tom veio, tom cansado e Nosso sinhô num se alembra de levá ele dessa vida.
- Inácia - Todos nós temo a nossa hola, nhô Cunstancio. Deus Nosso sinhô sabe quando é que tem que chama nós. Dispois oce se alembra que nós pte metemo pla finada Maria de Paula que butava sintido no neglinho dela. Ele pelcisa de nós nós não pudemo dessá ele anssim abandonado nesse mundo de Clisto.
- Constancio - É veldade, nhá Maria Inácia. As veiz o cansacio e a tlisteza desse nego é tom glande que ele intê se insquece das plemessa que feiz.
- Inácia - A gente pelcisa té colage, nhô Cunstancio. Si num sê anssim o mundo é uma tlisteza.
- Gaudencio - (de longe, gritando) Vamos, negrada, vamos. Hoje é dia de Nossa senhora da Conceição e o senhor quer que todos estejam na capela da Fazenda às seis horas da tarde. Deixem-se de embromação e vão se preparar antes que o chicote tenha que cantar no couro de vocês, cambada.
- Inácia - Óia, nhô Cunstancio, bamo duma veiz. Nhô Godencio zâ tá glitando, daqui um mucado mais o sicóte vai colê.
- Constancio - Diz que é pra nós i tudo na Capela às seis hola. Bamo nos pelpalá duma veiz que é pla nós não segá atlazado.
- Inácia - Bamo, sim. E o neglinho onde é que talá?
- Constancio - Deve de tá no campo, cum celteza.
- Inácia - gelá que ele iscutô o sino batê? si o coitadinho num tivé lá às seis hola vão dá castigo pre ele cum celteza.
- Constancio - Yaya Lósinha vem aí.
- Inácia - Que munita que tá a minha fia de vistido nvo, ingumado. Adonde mecê vai cum tanta plessa, Yaya Losinha?
- Rosinha - Vou no campo procurar o Vadinho pra avisar a ele que esteja às seis horas na capela, senão já sei que irão castiga-lo depois.
- Inácia - Vai, minha fia, vai e que Deus Nosso sinhô le acumpanha que mecê incon tla ele munto logo. É uma arma de Deus essa minina. Pulisso que tia Maria Inácia num se cansa de pidi pla Deus Nosso sinhô e pla Nossa sinhola do Lusálio que ela xeje munto filiz a poblisinha.
- Constancio - É de sê, cum celteza. Um colação bão como o dessa minina num póde de-xá de incontlá a filicidade.

Inácia - Tá, bô, nhô Cunstancio, bamo se pelpalá duma veiz. si os nego não ti-
vé tudo lá, na hola malcada oce sabe como é. Tem que soffê as marvade-
za do sinho.

(Ruido de um cavalo que sai galopando e se perde na distancia)

Constancio - Lá si vai Yáya Iosinha a pelcula do neglinho. De vistido ingumado e
tudo ela num que sabe de nada. O que ela que é que o neglinho num xe-
je castigado. Vai, fia de Deus, vai. Que Deus Nosso sinho num dexe
nunca mulcha no teu colação essa flo tão munita que é a bondade que
tu tem com os poble infilizo que tivelô a disglacia de nace dessa cô.

(PAUSA. BATEM AS SEIS BADALADAS ESPAÇADAS DA AVE MARIA)

CÓRO - (Cantando) Oh Maria, oh mãe minha, salvadora dos mortais
Amparai-nos e guiai-nos para a Patria celestial.
Como os anjos de Maria, seus louvores, publicais
inundados de alegria nas alturas celestiais.
Como os anjos de Maria, seus louvores publicais
Oh Maria, oh mãe minha, salvadora dos mortais!...

Padre - Rogai por nós, santa Mãe de Deus-

Escravos- Pala que sezamo diguino das plemessa de Clisto.

Padre - Amen.

(Começa a repicar fóra o sino) (Um órgão começa a tocar uma melodia
sacra qualquer).

Gomercindo - (baixo) Toque essa negrada toda pra casa, mano que temos que prepará
a janta pras visita.

Gaudencio - Já vô mandá tudo.

Rosinha - Padrinho, a tia Maróca podia vir no carro connosco? Ela é tão velha
e o caminho é um bocado longo.

Gaudencio - Deixe de bobagem, menina, ora onde se viu negro com luxo. Que vá a
pé. Não é tão longe assim.

Gomercindo - Venha afilhada, vamos embora. O Coronel Melchiades e a senhora já es-
tão na porta nos esperando. (Passos que se afastam).

Gaudencio - Vamo, negrada, vamo todos pra casa que ha muito o que fazer lá. É pre-
ciso cuidar da mesa e tratar de apresntar um jantar em condições pros
visitantes. Eu vou andar que o carro está esperando. Voce, nhô Cong-
tancio, t ome conta da negrada. E apressem-se, hein? (Passos que se
afastam).

Constancio - Tá munto bem, nhô Gaudencio. Os pleto za vai pla lá. Bamo, tia Malia
Inácia, bamo tia Malóua. Neglinho vem. Vancelis aí, bamo tudo pla casa
glande que o sinho tem visita hozi. Bamo tlabais. (Ruido de carro que
vai se afastando aos poucos até desaparecer). (PAUSA)

(Batem oito badaladas espaçadas)

Maróca - Adonde é que tu vai, neglinho? Caminha pla dentlo, anda.

Negrinho - Negrinho vai aporveitá que o sinho ainda tá na mesa pra móde dá uma
ingalopada intê lá adiante da ingleza que o mocinho fio do visinho
Disidelio percisa falá cum ele.

Maroca - Num faiz isso, diabo. Fica quetinho aí. O que é que tu vai fazê pur
esses campo afóla, demonho, dispois o sinho pelcura mecé, mecé num
tá aí, ele castiga mecé e a zente tudo sófle, dispois.

Negrinho - Num percisa tê arreceio, tia Maróca. O neguinho vai e vorta numa cur-
rida. Eles ainda nem tom na metade da janta, intê que eles trimine
já o negrinho falô cum ele e já vorto e o sinho nem num fica sabendo.

- Maroca - sempre pelculando coisa pra incomodá a zente. Ouve o que a tia véia diz pra mecê, meu fio. Fica queto aí num vai sai agola.
- Negrinho - Negrinho percisa i, tia Maloca. Negrinho ptemeteu pro moço branco que ia lá encontrá ele. O neguinho já vorta já, num percisa fica cum arreceio. (Passos que se afastam)
- Maroca - Vilge da Misilicoldia, esse neguinho dá tlabajo pra zente, Cluiz! Ele sabe que o sinhô e o elmo num tem fastio de dá bele e memo anssim tá sempre fazendo as coisa dele. (Passos que se aproximam) Negrinho zé tá maglinho e flaco de tanto apanha e fica pleso naquele curra seinho dagua.
- Inácia - O que é que mecê tá falano sósinha, tia Maloca? (Ruido de um cavalo que sai a galope e vai se perdendo na distancia).
- Maroca - Mecê tá uvino esse cavalo? É o demonho do neglinho que vai lá pras banda do visinho Disidelio pra dá uma bucada com o moço branco fio dele.
- Inácia - Esse neglinho num tem mais nada que inventá?
- Maloca - Óia que a nega véia disse pte ele que num fôsse pra móde ela num té que se incomoda dispois. Num quiz ovi. Galo o cavalo e lá se foi.
- Inácia - Deus plimita que o patlão num venha pelculá ele. (Passos que se aproximam)
- Maroca - Vilge Nossa sinhola, é nhô Godencio!...
- Gaudencio - Tia Maria Inácia, onde é que está o...
- Inácia - (Baixo, aflitissima) Nossa sinhola do Iusálio acuda diplessa a pleta veia!
- Gaudencio - Como é que se diz? Onde é que tá o... o caderno de compras da Fazenda.
- Inácia - (Respirando num degabafo, baixo) Muito ubligado minha boa santinha! (alto) A nega veia num sabe o que é, nhô Godencio.
- Gaudencio - Oh meu Deus, então não sabes o que é um caderno, negra burra?
- Maroca - si é um que tem a cara cô di lósa, o patlão butô naquela gaveta ali, nhô Godencio. (Passos, ruido de abrir e depois fechar uma gaveta).
- Gaudencio - É este mesmo. (Passos que se afastam).
- Inácia - que susto a nega veia levô, meu Deus do céu. Chegô a me fartá a suspiração inte.
- Maroca - E o colação da tia Maloca ficou piquinininho, piquinininho, que a nega veia quagi que nem num incontio ele dispois quando butô as mão no peito
- Inácia - Esse neglinho, tia maloca, esse neglinho... esse neglinho ainda mata nois um dia.

(GONGO)

(ANUNCIOs)

(GONGO)

(Cavalo que vem vindo de longe, galopando e se aproxima até chegar).

- Afonso - Aí vem ele, afinal. Já estou aqui negrinho.
- Negrinho - Negrinho custô um mucado, num foi, sinhôsinho?
- Afonso - Pensei que não viesse mais.
- Negrinho - Negrinho tinha que isperá que o sinhô fôsse pra mega da janta. Hoje tem visita eles forum mais talde só agora é que o neguinho pode vim.
- Afonso - Bem, o principal é que estás aqui. sabes o que é que eu queria de ti?
- Negrinho - Num sinhô. Negrinho vai sabê quano o sinhôsinho disse.

- Afonso - Eu queria que tu entregasses um bilhetinho meu para a Rosinha. Tu entregas?
- Negrinho - Um bieteinho? E o que é que o sinhôsinho vai mandá dizê pra yaya Rosinha nesse biete?
- Afonso - Queres saber, hein curioso! Está bem, eu vou te contar. Eu gosto muito dela, sabes?
- Negrinho - Yaya Rosinha é uma frô, sinhôsinho. Aquilo é uma arma de Deus Nosso sinhô. Si mece visse como ela tava munita hoje cum vistido novo ingunadinho, cheinho de lacinho de fita aqui angsim no peito e na barra! Negrinho inte teve pena de té nascido dessa co.
- Afonso - Ah, tu também gostas dela, é?
- Negrinho - Quem é que não gosta de Yaya Rosinha, sinhôsinho? Negrinho gosta tanto dela, tanto, tanto que se um dia arguem fizé alguma coisa de ma pre ela o neguinho é capaiz inte de mata esse arguem. É só pur causa dela que o neguinho tem sentimento de té nascido dessa co. se o neguinho tivesse nascido branco ia trabaia bastante, ganhá bastante dinheiro pra depois se casa-se com Yaya Rosinha.
- Afonso - Pois é, negrinho eu gosto muito dela e mando esse bilhetinho pra ver se ela quer namorar comigo.
- Negrinho - E o sinhôsinho qué si casa-se com ela?
- Afonso - se ela me quizer mais tarde eu peço licença ao papai e me caso com ela.
- Negrinho - E o sinhôsinho diz tudo isso aí no biete que o neguinho vai levá?
- Afonso - Digo tudo e muitas outras coisas mais. Posso confiar que tu entregarás este bilhete a ela?
- Negrinho - Negrinho intrega, sim, sinhôsinho, pode ficá adiscansado.
- Afonso - Depois eu te dou um presente.
- Negrinho - sabe que presente que o neguinho qué que o sinhôsinho dê pre ele?
- Afonso - O que é?
- Negrinho - Quando o sinhôsinho se casá com a Yaya Rosinha leva o negrinho pra morá tombem cum ela.
- Afonso - Está muito bem, eu levo.
- Negrinho - Jura por Deus Nosso sinhô?
- Afonso - Juro por Deus Nosso Senhor.
- Negrinho - Tá bem. Entonce daqui mais um mucado Yaya Rosinha já tá recebendo o biete. (Pausa. Ruído de cavalo forte e principio e distanciando-se cada vez mais até se perder completamente na distancia).

(NOVE BADALADAS ESPAÇADAS)

- Gomercindo - Vamos nos sentar aqui na varanda para fazer a digestão.
- Melchíades - A noite está tão clara que nem é preciso acender o lampião.
- Gomercindo - Temos o lampião do céu que clareia mais que outra qualquer luz. E do na Virginia não quer vir sentá aqui?
- Melchíades - Ficô na sala de janta conversando com a Rosinha. Está crecida esta menina. Está uma moça.
- Gomercindo - Também já vai fazer quatorze anos. Mas a proposito dos cavalos precisamos acertá o dia ~~praxandaxadaxi~~ que a tropa poderá vi pra cá que

é pra mandá daqui dois ou tres negro pra conduzi ela.

Melchiades - Agora indo daqui eu indo fico uns dois ou trez dias na cidade e depois já volto pra fazenda. Na semana que vem, em qualquer dia pôde mandar os negros buscarem a cavalhada.

Gomercindo - Muito bem, neste cause eu vô mandá o nego Candinho, o nego Maneco e vai tambem o negrinho do pastoreio pra auxiliá eles na viage. O negrinho tem muita pratica de lida com os animal.

Melchiades - É bom i mais de dois porque a tropa é um bocado grande, e a cavalhada não é bem manja. (Passos que se aproximam).

Gomercindo - Onde andava, mano? Na sala de janta com dona Virginia?

Gaudencio - Não. Fui no quarto agarrá os violão pra se tocá qualquer coisa que eu não me esqueci que o Coronel Melchiades gosta muito de musica.

Melchiades - Ah e: gosto mesmo. sou capaz de passar uma noite inteira ouvindo tocar ou cantar.

Gomercindo - Neste caso vamos tocar qualquer coisa. Já estão afinados?

Gaudencio - Estão, sim. Afinei lá no quarto.

Gomercindo - Então lá vai, Coronel Melchiades, em sua honra.

Melchiades - Está muito bem, muito agradecido. (Ouve-se uma toada qualquer nos violões. Durante a musica ouve-se ao longe galopar de cavalo e latido de caes).

(GONGO)

(ANUNCIO)

(GONGO)

Negrinho - Óia aqui, Yayá, Rosinha, o negrinho tem uma solpreza pra yayá.

Rosinha - Uma surpresa para mim? O que será, meu Deus.

Negrinho - A yayá Rosinha num discunfeia?

Rosinha - Não sei o que possa ser. Vamos, diz o que é que já me deixaste curiosa

Negrinho - Negrinho tem que amostrá inscundido.

Rosinha - Escondido?!... O que será, meu Deus! Cada vez fico mais curiosa.

Negrinho - (tom de segredo) É um biete dum namurado que o negrinho traiz pra yayá

Rosinha - Um bilhete de namorado pra mim? Quem foi que me mandou esse bilhete?

Negrinho - Negrinho num vai dizê sinão dispois o biete num tem gracia.

Rosinha - Pois então deixa ver duma vez esse bilhete.

Negrinho - Tá aqui ele, ó. Agora a Yayá já vai sabê de quem é.

Rosinha - (lendo) Gosto muito e muito de você. se você quizesse namorar comigo quando eu crescesse mais um pouco pediria licença a papai e cagaria com você. Mande dizer se tambem gosta de mim. (Pausa) Afinal eu não sei de quem é este bilhete. Ele não traz assinatura nenhuma.

Negrinho - A Yayá num sabe quem foi que escreveu ele? Num diz aí?

Rosinha - Não. O Bilhete não está assinado.

Negrinho - Pois entonce o neguinho vai dizê. Quem mandô esse biete pra Yayá foi o sinhosinho Afonso que naquele Domingo que chueu muito veio aqui na fazenda do Remansio com o sinhô Pai dele e que dispois de noute foram ubrigado a ficá porque os caminho tava tudo cheio d'agua que quagi nem dava pra carriage passá. A Yayá num se alembra quem é?

Rosinha - Sei quem é, sim. Mas como foi que ele falou contigo?

Negrinho - Hoje memo quando o negrinho ia indo pra igreja incontrô ele no campo e ele pediu pro negrinho lá naquela memo luga na bucada da poutinha que ele precisava falar com o neguinho. O neguinho foi e ele mandô esse bieteinho pra Yaya. O que é que o neguinho vai arresponde pre ele, Yaya?

Rosinha - Não sei. Vou pensar esta noite e amanhã eu respondo.

Negrinho - O neguinho tá contente porque ele prometeu pro neguinho que quando se casa-se com Yaya Rosinha que vai levá junto o neguinho. Le o biete outra vez pro neguinho ovi, Yaya Rosinha, le.

Rosinha - (lendo) Gostei muito de você. se você quizesse namorar comigo quando eu crescesse mais um pouco pediria licença a papai e casaria com voce. Mande dizer se também...

Gaudencio - De quem é este bilhete? (gusto violento de Rosinha e Negrinho) Vamos, vamos, de quem é esse bilhete?

Rosinha - Esse bilhete, paisinho... esse bilhete...

Gaudencio - Vamos, desembuche logo. Quero saber de quem é esse bilhete.

Negrinho - Esse biete é do neguinho, nhô Godencio.

Gaudencio - Deixa ver. (Pausa longa) Como é teu este bilhete se nem sabes escrever?

Negrinho - O neguinho... pediu... o neguinho pediu pro sancristão da igreja... o sancristão escreveu o biete pro neguinho, leva pra namorada dele. Agora a yaya Rosinha tava lendo ele pra mode vê si tava bem-dereito, si não fartava alguma coisa... o neguinho não sabe le nem inscreve....

Gaudencio - Falta uma coisa, sim, falta a vergonha na tua cara negro ordinário. E por isto (ruído) Toma esta bofetada. (Um grito de Rosinha) E mais esta. (Ruído) E mais esta. (Ruído) E outra mais.

Rosinha - Paisinho! (chorando, desesperada) Paisinho! Não lhe dê mais, por favor ele mentiu para salvar-me, paisinho!... Não é seu o bilhete, é mentira. Ele é meu paisinho. Foi eu que o recebi. Não lhe batas mais que é uma injustiça o que estás fazendo.

Gaudencio - O que é que tu me dizes? É teu esse bilhete? Mas então tu já namoras? Com licença de quem?

Rosinha - Paisinho, perdôa. (soluçando) Eu lhe contarei tudo, tudo, mas não bata mais num inocente.

Gaudencio - Não quero saber de nada. Não quero ouvir mais nada. Chega o que já sei. Retira-te para o teu quarto. Ficará lá encerrada até que eu te de permissão para sair. (Pausa, soluços de Rosinha) Vamos, obedeça. Retire-se para o seu quarto. (Passos que se afastam com soluços). Agora nós, grandíssimo cachorro. Deste agora para alcoviteiro, não é? Vamos, fala. Deste agora para negrinho de recados, é?

Negrinho - Não, nhô Godencio. Yaya Rosinha tava mintindo. O negrinho trouxe pre ela aquele biete. O negrinho já disse toda a verdade. Ela tava mintindo pro neguinho não apanhá. Foi o neguinho que mandô inscrevê ele. Pode aquerdita, nhô Godencio.

Gaudencio - Negro ordinário! Eu te darei, namoros.

Inácia - (desesperada, chorando) Não, nhô Godencio, não, pulo amô de Deus. (Estalo forte do chicote. Um gemido horroroso de Inácia e um corpo que cai no chão).

Negrinho - (Desesperado, chorando) Tia Maria Inácia! Tia Maria Inácia! (soluços)

Gaudencio - Bem feito. Outra vez ela não se atravessará no meu caminho. Esta ha de servir-lhe de lição.

Negrinho - (Chorando) Cuitadinha! Dismalhô de tanta dô que sintiu!

Gaudencio - O teu castigo, cão pestilento, será passares toda a noite no curral inundado, com um tronco amarrado aos pés para que não possas sair de dentro da água. O frio e as sanguessugas hão de proporcionar-te a noite que mereces.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, BAIXANDO DEPOIS PARA FALAR O)

SPEAKER: - Este foi, caríssimos ouvintes, o terceiro episódio da Vida do Negrinho do Pastoreio. Foi a seguinte a distribuição desta noite:

(REPETE A DISTRIBUIÇÃO)

Ouçam na próxima sexta feira, às mesmas horas de hoje o quarto e último capítulo deste programa que Roberto Lis escreveu, dirige e interpreta com o moderno conjunto de Rádio Teatro da sua PRF 9.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA O FINAL DO PROGRAMA)

IV CAPÍTULO

(Característica musical)

SPEAKER: - ROBERTO LIS E SEUS ARTISTAS APRESENTAM - A VIDA DO NEGRINHO DO PASTOREIO

(Característica musical)

SPEAKER: - Um programa em que se retrata a vida que, em lenda ou realidade, viveu o preto Oswaldo das Mercês do Rosário - "O negrinho do pastoreio".

Este programa que é escrito, dirigido e interpretado por Roberto Lis com o conjunto de Rádio Teatro da sua PRF 9, obedecerá neste capítulo à seguinte distribuição:

Oswaldo das Mercês do Rosário - O negrinho do Pastoreio - Claudio Real.

Nossa Senhora do Rosário - ~~Linny de Andrade~~ *Circuinha Milano*

Tia Maria Inácia - velha escrava, também - ~~Carmen de Alencar~~ *Francisca May*

Nhô Constancio - Roberto Lis

seu Gomercindo - o proprietário da Fazenda do Remanso - Carlos Moré

seu Gaudencio - Irmão de Gomercindo e capataz da Fazenda - ~~Edmundo Lis~~ *Fausto Fernandes*

Yayá Rosinha - Filha de Gaudencio e afilhada de Gomercindo - Lilia Mari

Nhô Maneco - ~~André Norberto~~ *Raymundo Gray*

O doutor - José Pereira

Elpidio - ~~Edoardo Rodrigues~~ *Wagner*

Encarregado do Estúdio - Emilio Belo

sonofonia de Willy Rodrigues.

(Característica musical)

Antes de darmos início ao programa desta noite, que constitui o quarto e último capítulo desta história magoada e triste, vejamos o que se desenrolou no capítulo anterior:

Era dia de Nossa Senhora da Conceição e os negros tiveram permissão para soltar o serviço uma hora antes do costume, para assistir às rezas na capela da Fazenda. Yayá Rosinha também estava lá. Afonso, o filho de um proprietário vizinho da Fazenda do Remanso, vendo a menina na capela, apaixonou-se por ela e pediu ao Negrinho do Pastoreio que fôsse o portador de um bilhete de amor para ela. O negrinho concordou e levou o bilhete à Yayá Rosinha. E quando ambos se encontravam na cosinha e ela lia para ele ouvir o bilhete que recebera de Afonso, chega seu Gaudencio e tira-lhe o ~~bilhete~~ referido bilhete. Como este não tivesse nem o nome da destinatária nem a assinatura do remetente, seu Gaudencio, indignado quiz saber a quem ele pertencia. O negrinho, então, para salvar Yayá Rosinha que tantas vezes já fizera o mesmo com ele, disse que o bilhete era dele que ele mandara escrever para entregar a uma namorada que arranjara. Seu Gaudencio imediatamente começou a esbofeteá-lo e Rosinha, desesperada com o que via, confessou toda a verdade. O negrinho, entretanto, insistiu em que o bilhete lhe pertencia e seu Gaudencio indignado com o seu atrevimento levanta o chicote e vai descarregá-lo no infeliz quando tia Maria Inácia atravessa-se na frente dele e recebe em pleno rosto o chicotão que lhe era dirigido. A dor faz com que a preta velha desmaie e seu Gaudencio retira-se enfurecido dizendo que o negrinho, por castigo, passaria a noite no curral inundado, com um tronco amarrado aos pés para que não pudesse sair de dentro d'água. Vejamos, agora, o que depois aconteceu.

(Característica musical)

- Rosinha - Espere um pouquinho, tia Maria Inácia, deixe botar-lhe esta compressa. A palpebra está inchadíssima.
- Inácia - (gemendo) O sicóte pegô memo por riba da vista. A pleta veia num pôde abli ela.
- Rosinha - Que perversidade, meu Deus! Não é preciso abrir, tia Maria Inácia. Esta compressa vai fazer desinchar a palpebra e vai diminuir-lhe também as dores.
- Inácia - Num tá duendo munto, não, minha fia.
- Rosinha - Eu sei que a senhora diz isto para me consolar. A dor foi tanta que a senhora desmaiou.
- Inácia - Num foi de dô, não, minha fia. Foi de susto, a pleta veia num espelava o estralo do sicóte e se assustô-se. Aminhá, si Deus Nosso sinho quizé, a pleta veia za num tem mais nada.
- Rosinha - (Chorando) E tudo isto por minha causa. Não posso me conformar. (Pausa) Tia Maria Inácia, diga-me uma coisa: porque papai é assim tão mau para todos vocês?
- Inácia - Ele num é mau, minha fia, num diz anssim. Ele é enelgico pluquê os ple to num faiz defeito as coisa que ele manda faze.
- Rosinha - Ele é mau/ sim. Batô na senhora que é tão boa. Castiga sem motivos o Vadinho que é tão bomzinho, também. Até em nhô Constancio, velho do geito que está e bom também do geito que é ele butro dia deu uma porção de vergastadas. O coitado ficou vários dias sem poder nem mexer com os braços de tanto que lhe doia o corpo. E assim mesmo, ferido como estava, exigiu que o pobre negro continuasse a fazer o seu serviço. Ontem, só por causa daquele bilhete, fez o coitado do Vadinho passar a noite toda com um tronco amarrado ao pés, dentro do curral com agua até a metade da perna.
- Inácia - Poble do neglinho. E mecê za foi lá vê ele, Yaya Rosinha?
- Rosinha - Ainda não fui, tia Maria Inácia, não tive coragem. Tenho medo de chegar lá e encontra-lo morto.
- Inácia - Vai lá, minha fia, vai. Capaiz que o pobhishinho pelcise de alguma coisa. Passo a noute toda naquele fllo, sem uma cubelta e com os pé dentlo da agua. Me colta o colação só de me alemblá. A pleta veia sega a se insquece das dô que tá sintindo ~~muixcausaxdoxneglinhox~~ se alemblando do que o neglinho deve de tá sofrendo.
- Rosinha - Pois sim, tia Maria Inácia eu vô.
- Inácia - Diz pre ele que a tia Maria Inácia num vai lá polquê num pôde mas que lezo munto a noute toda pla sinhola do Lusálio azuda ele. (Passos que se afastam. Começa a ouvir-se barulho de agua sempre a mesma altura do microfone e tósse ao longe e pouco a pouco vai se aproximando).
- Negrinho - Yaya Rosinha! Mecê drento da agua pul causa do neguinho. Sai daqui yaya Rosinha, aqui tem-munta chamichunga drento dessa agua. Negrinho tá com as pelna cheia, cheia. (Tosse)
- Rosinha - Pôbre do Vadinho. Que maldade te fizeram. Tu estás com tosse.
- Negrinho - Num é nada, Yaya Rosinha, num percisa se afregi. Isso passa. (Tosse).
- Rosinha - Chi!... Está com o corpo gelado, completamente gelado. Também, passar a noite aqui dentro desta agua!
- Negrinho - Num fica aqui, Yaya Rosinha, mecê vai saí com as pelna cheia de chami chunga. (Tosse)
- Rosinha - Não faz mal. Eu queria vir aqui ver você, queria ter certeza de que Você ainda estava vivo, Vadinho.
- Negrinho - Tô vivo, sim, yaya Rosinha. Vaso ruim num quebra anssim.

Rosinha - Que horror, Vadinho, a sua camisa está toda molhada, a sua calça também, porque?!...

Negrinho - Foi a chuva, Yaya Rosinha. Essa noite chueu muito. Negrinho sentiu um frio, um frio!... (Tosse)

Rosinha - ~~essa~~ (chorando) Coitado! Quanta maldade, meu Deus!... Como é possível que se façam coisas desta natureza a uma criatura de carne e osso! Tome, Vadinho, vista o meu casaco. Ao menos assim você não ficará com tanto frio.

Negrinho - Num faça isso, Yaya Rosinha. Um casaco tão munito vai se estragar no corpo do negrinho. (Tosse)

Rosinha - Vista, sim. Faça questão que você vista. Ele é de lá, ha de abrigá-lo um pouco.

Negrinho - Muito ubrigadinho, minha santa, muito ubrigadinho! Negrinho fica inteiramente de se maltratado pra mãe recebe mais carinho de Yaya Rosinha. (Tosse)

Rosinha - Que horror, essa tosse!... Não, isto não pôde ser. Vou falar com papai, vou falar com titio, hei de pedir tanto e tanto a eles, hei de chorar, hei de dizer-lhes tais coisas que eles hão de acabar por mandar tira-lo daqui.

(O ruído da água vai sempre à mesma altura do microfone e a tosse do negrinho vai se distanciando a pouco e pouco até desaparecer de todo).

Inácia
~~Marôca~~ - Onde é que mecê vai anssim com a bala do vestido toda molhada, minha fia?

Rosinha - Vou falar com Papai e com titio. Não pôde continuar essa barbaridade que fazem com o Vadinho. Ele está com uma tosse horrível, tia ~~Marôca~~ *Inácia*. A roupa toda molhada e o coitado com aquele tronco amarrado aos pés e com água pelo meio da perna. Tosse, tosse, tosse que faz dó.

Inácia
~~Marôca~~ - Dico-lto que tem que tussi, minha fia. Pois o pobrãozinho passou a noite toda da dentão daquela marvada daquela água, inda por riba suveu quagi toda a noite, o coitadinho tem de tá duento.

Rosinha - Isto é coisa que uma pessoa de coração possa fazer, tia ~~Marôca~~ *Inácia*, responda. Nem os bichos aqui são tratados da forma que é tratado o Vadinho. E porque fazem isto com o coitadinho, tia Marôca, porque? Ele é tão bom!

Inácia
~~Marôca~~ - Deus Nosso sinhô sabe pliqué que os fio dele passa tlabaio, minha fia. Cada um de nós vem nasce muito de Cristo com a sua cruz pla calega. Uns a cruz é mais pesada, outros ela é mais leve...

Rosinha - E outros não carregam cruz alguma. Trilham estradas de rosa merocendo muito menos, geralmente, do que aqueles que arrastam as mais pesadas cruzes.

Inácia
~~Marôca~~ - Pois é, minha fia, mais o mundo é anssim a gente tem de se acunfolná.

Rosinha - Bem, tia ~~Marôca~~ *Inácia*, eu vou falar com titio. Ele está na varanda?

Inácia
~~Marôca~~ - Tom lá os dois, sim, minha fia, o papai e o titio. Tumaio café agolinha meno, agola tom assentado na lède fumando e cunvelsando.

Rosinha - Pois é, e o coitado do Vadinho lá sofrendo com aquele enorme tronco amarrado aos cornozelos. Vou lá falar com eles. (Passos que se fazem sempre à mesma altura do microfone).

Gomercindo - Já tomaste café, Rosinha?

Rosinha - Já titio.

Gomercindo - Que cara é essa que tens? Queria alguma coisa?

Rosinha - sim, queria... eu queria... eu queria perguntar ao senhor até quando o Oswaldo vai ficar amarrado dentro d'agua, titio. Ele está com tanta tosse...

Gaudencio - É o que tens tu que ele esteja com tosse?

Rosinha - Óra, papai... é que... é que a gente também tem coração.

Gomercindo - Mulher é sempre mulher. Imagina só, mano, com pena de um negro atoa como é aquele. Está bem, não te preocupes. Ele já vai sair daqui a pouco mais que ele tem que ir com nho Candinho e nho Maneco busca uma tropa de cavalo que eu adequira na Fazenda do Coronel Melchiades. Manda tirar aquele nego, mano. Que tome uma chicra de café com mandioca, arrume os arreio e se põna a caminho que os otro já saíro desde que o sol nasceu. Ele que de de redea ao baio que ainda vai alcança os otro que devem de i no tranquinho. (Passos que se afastam) Pronto. Tá satisfeita agora?

Rosinha - Estou, padrinho. Muito obrigada.

(GONGO)

(ANUNCIOS)

(GONGO)

Gaudencio - A cavalhada acaba de chegá, mano. Tá meio magrita.

Gomercindo - Chegou tudo bem? Não falta nenhum?

Gaudencio - Já destaquei dois negro pra contá.

Gomercindo - Precisamo agora melhorá esses animal pra mandã vendê em vitoria.

Gaudencio - Amanhã de manhã já se começa a apartá os que vão e os que ficam.

Gomercindo - Quatro dias levou essa tropa da Fazenda do Coronel Melchiades até aqui. Essa negrada andou dormindo pelo caminho. (Passos que se apro-

Elpidio - Dá licença, sinhô?

Gomercindo - O que é que você qué negro Elpidio?

Elpidio - Já cuntemo a tropa, sim sinhô.

Gomercindo - Está certa?

Elpidio - Num sinhô farta um alimá.

Gomercindo - Como falta um.

Elpidio - Num sei, farta. De celto se perdeu-se no caminho.

Gaudencio - Imagine mano. Manda-se ~~xxx~~ tres negro pra cuidá uma tropa de cento e oitenta cavalo e perdem um no caminho. Isto só a laço.

Gomercindo - Isto não pôde se dexá assim, mano. Tem que se dá uma lição nesses negro.

Gaudencio - Deixe eles comigo. Vá chamá o negro Maneco.

Elpidio - sim sinhô. Cum sua licença meu sinhô. (Passos que se afastam)

Gaudencio - Olhe que foi o que eu mais recomendei a essa negrada: que puzesse sentido nos animal pra não se extraviá algum pelo caminho.

Gomercindo - Pôde se também que tenham recebido um de menos. O Coronel Melchiades não é deste mundo.

Gaudencio - Também recomendei que contassem bem a tropa antes de se botarem a caminho.

Gomercindo - Vamos só vê o que é que nos dizem esses negro ordinário. (Passos que se aproximam).

Maneco - O meu sinhô mandô me chamá?

Gaudencio - Mandei, sim. Quantos cavalos receberam vocês do seu Coronel?

Maneco - Cento e oitenta cavalo, sim sinhô.

- Gaudencio - Você contou, bem? Tem certeza de que eram cento e oitenta?
- Maneco - Contei, sim sinhô! Era cento e oitenta, meu sinhô.
- Gomercindo - E como é que está faltando um?
- Maneco - Dixelto se instraviô-se no caminho.
- Gaudencio - Mas o que vinham fazendo vocês que não cuidaram?
- Maneco - Eu não posso arrespondê, meu sinhô. Eu vinha na frente puxando a tropa. Nhô Candinho vinha no meio Tentando ela e o negrinho vinha de atraiz botando sintido pra não ficá nenhum pulo caminho.
- Gomercindo - Bem, a culpa é dele então. Já sabe, mano o que tem que fazer.
- Gaudencio - Desta vez ele me pagará bem caro. Será amarrado de pé e mão e vai pagar a poute toda em cima dum formigueiro de cupim. Nunca mais ha de se lembrá de dexá fugi cavalo.
- (Pausa. Batem cinco badaladas espaçadas. Ouve-se os soluços abafados de Rosinha)
- Inácia - Num choita assim, minha fia, que mecê me magueia. Bota sintido no caminho que ainda tá munto inculô, mecê pôde dá uma batida contla uma alvi ou contla uma celca.
- Rosinha - Não pôsso me conformar, tia Maria Inácia. Amarrarem os pés e as mãos do Vadinho e botarem o coitadinho num formigueiro de cupim. Ele está morto, com certeza, não é possível que ainda viva. As formigas, com certeza, o corpo já tão magro do pobresinho.
- Inácia - A nega véia tombem pensa que ele tá molto, minha fia, mas o que é que gente vai fazê contla a vontade de Deus Nosso sinhô? Tem que se cunfolmá. Bamo lá buscá ele pla intela o poblisinho.
- Rosinha - Não é possível que tenha escapado, tia Maria Inácia. E se isto aconteceu deve estar num estado miseravel!
- Inácia - Póble do neglinho. Tem suflido esse inucento.
- Rosinha - Estaremos muito longe ainda, tia Maria Inácia? Eu não posso mais de aflição.
- Inácia - Num deve de tá não, minha fia, nhô Cunstancio disse pla tia Maria Inácia que ela pelto da manguela glande. A manguela glande tá tá ali.
(ouve-se a tosse do negrinho ao longe)
- Rosinha - (Aflita) Tia Maria Ignácia! A senhora está ouvindo, tia Maria Inácia?
- Inácia - O que é minha fia? (ouve-se a tosse um pouco mais perto)
- Rosinha - A tosse dele, tia Maria Ignácia! Ele está por aqui! (gritando) Vadinho! Vadinho! Onde estás Vadinho?!...
- Inácia - Num glita ansaim, minha fia, o sinhô pôde ovi lá da casa glande.
(ouve-se a tosse ainda um pouco longe)
- Rosinha - (gritando, aflita) vadinho! Vadinho! Onde estás, responde! Depressa, tia Maria Inácia, é por aqui. Ouça, ouça a tosse dele! Vadinho!
(ouve-se a tosse já bem mais perto) Tia Maria Inácia! Tia Maria Inácia ali está ele, tia Maria Inácia!
- Inácia - (assombrada, chorando) Lovado seja Nosso sinhô Zisuis Mlistol!... Ainda tá vivo, yayá!... (ouve-se, perto, a tosse do Negrinho, até o fim da cena).
- Rosinha - E sem uma picada das formigas, tia Inácia! Sem uma picada das formigas! só um milagre!... só um milagre, meu Dues!...
- Negrinho - (falando com dificuldade) Foi ela!... Foi... a minha... madinha...

Foi a Nossa senhora do Rosário... que ajudô o negrinho... (tosse) Não dexô... as fulmiga... molde ele!...

(CORTINA MUSICAL)

▶ (Latidos de cachorro ao longe)

Gomercindo- (gritando para longe) Prende esse cachorro aí, mano. Pôde avançá no dotor. (para perto) O carro tá preparado pra levá o dotor de volta pra cidade?

Constancio- Tá, meu sinhô.

Gomercindo- Tanto trabalho e tanto luxo por causa dum negro tão atôa.

Constancio- Foi Yayá Iosinha que quiz que viesse o dotô vê o neglinho. Ela tem dó do neglinho. Dois meiz, já que ele tá nessa ingunia.

Gomercindo- Dois meiz sem trabalhá esse vagabundo. (Passos que se aproximam) E então, dotor, qué me diz?

Doutor - Meu amigo é preciso ter cuidado. Esse negrinho deve ser isolado de todos porque ele está tuberculoso e o mal já se encontra bem adiantado. Não ha mais nada a fazer.

Gomercindo- Tá ovindo, nhô Constancio?

Constancio- Tô, meu sinhô.

Gomercindo- Tome providencias então que ele seja retirado da senzala e recolhido lá pra um canto da atafona e só voce e tia Maria Inácia tem licença de chegá lá perto dele.

Constancio- sim sinhô, meu patrão. (Passos que se afastam)

Gomercindo- O dotor qué esperá pra almoçá com a gente?

Doutor - Não, obrigado. Tenho muito que fazer na cidade. Passe bem, seu Gomercindo.

Gomercindo- Passe bem, dotor. O carro já tá pronto pra levá o senhor na cidade. (Passos que se afastam) Ora veja que espiga! Um diabo desse ainda é capaz de me botá a peste no ~~meu~~ resto da negrada. Agora que fique lá isolado da cambada e os dois velho que cuidem dele. Esses não faz mal que pegue a doença e que morra até. São dois diabo que não prestam pra mais nada, até é uma sorte morre. (Ruído de carro que sai e vai se afastando até se perder na distancia)

(GONGO)

(ANUNCIOS)

(GONGO)

Negrinho - (Falando sempre com dificuldade e interrompido por acessos de tosse) Minha Nossa senhora do Rosário tenha pena do neguinho... neguinho... não pôde mais... dóe o peito... dóe as firida do corpo... dóe tudo, minha madinha... neguinho quiria... descansá... neguinho queria... morré... neguinho tá cansado, minha Nossa Senhora... do Rosário... (Tosse)

N. senhora- Estas chamando por mim, meu filho?

Negrinho - Quem é? (Tosse)

N. senhora - Sou eu. A tua Madrinha. A Nossa senhora do Rosário!...

Negrinho - A minha madinha!... que bão!... tanto que o neguinho... chamô por ela!

N. senhora - Eu aqui estou. O que queres de mim?

Negrinho - O neguinho... quiria... descansá, minha madinha... Neguinho... tá cansado... de sofrê...

N. senhora - Dóem muito as tuas feridas, meu filho?

(Cessa a tosse)

Negrinho - Não, madrinha... tava duendo muito... mas agora... depois que a madrinha chegou... o neguinho... já não tá sintindo do nenhuma... Tá tom bem tom bem!... que inté ele memo... tá indimizado...

N. senhora - A madrinha passou a mão nas tuas feridas, meu filho. Tu vais descansar.

Negrinho - Que bão, madrinha!... O neguinho tá tom cuintento... que inté tá chorando!... É de satisfação, madrinha... que as lagri... tá caindo... dos óio do neguinho...

N. senhora - A madrinha vai embora e o meu filho vai melhorar. Quando as feridas doerem muito chama pela madrinha que ela virá aliviar as tuas dores!.

Negrinho - A madrinha... vai simbols... e vai dexá o neguinho?

N. senhora - Tu querias ir com a madrinha?

Negrinho - Neguinho... quíris... Neguinho... tá cansado... de sofrê...

N. senhora - Está bem, meu filho, amanhã a madrinha virá outra vez e te levará com ela. Tem paciência e espera um pouco mais.

Neguinho - Tá bem, madrinha... o neguinho espera... o neguinho agora já tá mió... inté a tóssia já passô...

N. senhora - Adeus, então. A madrinha não pôde ficar mais tempo. Tem os outros para atender também. Não é só o meu filho que sofre.

Negrinho - Muito obrigado, madrinha! Muito obrigado. Até minhã, intonces. Num se esqueça do neguinho.

(Pausa. Batem seis badaladas de sino, longe)

Constancio - Ave Maria, seja de glacia, o sinholi é cumvosqui, bimdita sois vóis entle as mulhá e bimdito é o fluto de vosso ventli zezuis!

Escravzós - Santa Maria, mãe de Deus, logai pul nós pecadó, agora e na hora de Nossa Molte amen zizuis!... (Choro e soluços baixos de Yaya Rosinha)

Inácia - Num sóla, minha fia, tem paciência. O coitadinho tá sofrendo ha tantos meiz. Inté é bão que Deus Nosso sinho leve ele. Anssim o poblisinho vai adiscansá.

Rosinha - Não posso me conformar de perdê-lo. Eu sei que é um sofrimento horrível. Aquela tosse, aquela tosse que não para nunca. O corpo todo em feridas e o pobreginho gosinho naquele canto escuro da atafona. Que coisa horrível, meu Deus! E nem sequer me deixavam ir vê-lo. Agora mesmo, para me despedir do coitadinho, tive que ir escondida. Que contente ele ficou quando me viu! Seus olhos brilharam mais e sua boca rasgou-se num sorriso de tão grande alegria que eu senti quasi o meu coração pular de dentro do meu peito. Ele, coitadinho, devia estar magoado comigo.

Inácia - Num diz anssim, minha fia, ele sabia que o sinho num dexava a Yaya Loginha i lá vê ele. Ele tinha sodade dela, sim mas ele sabia. sabia e se acunfolmava o poblisinho. Quando eu levava as cumidinha que Yaya mandava ple ele, o poblisinho cumia cum tanta satisfação! Dava gosto vê. Cumfolmava a gente inté. Vem, minha fia, num sola mais. Vamo pla casa glande que o patlão não demola é capai de dá farta de nóis. Tá quagi na hora da zanta, zã. Nossa sinhola é de ficá cum ele inté que a plota véia possa vartá.

(Latidos de cachorro ao longe. do fundo ao diálogo).

→ sólo de órgão forte e depois fazem

N. senhora - Estou aqui, meu filho, outra vez. Desta vez, porem, para não mais me separar de ti. Irás comigo para onde eu for e descansarás, finalmente de todas estas dores que te martirisam.

Negrinho - (quasi sem voz, arquejando) Que bão, madrinha! Que bão!...

N. senhora - Irmã para o lugar que Deus Nosso senhor reserva a todos aqueles que sofrem resignadamente as suas dores e os seus pezares.

Negrinho - Negrinho... tá tão contente... tão contente!...

N. senhora - Vem, então, meu filho. Vamos. (O órgão aumenta vai aumentando suavemente o volume até tocar forte, enquanto lá fora o sino dobra final-
dos. A seguir uns passos se aproximam. O órgão baixa novamente até
ficar bem e bem longe).

Constancio- (chamando suavemente) Negrinho! Negrinho! Tu tá dormindo, meu fio? Abre os olhos, abre! Não Constancio trouxe um macedinho de leite pla-
ma tu toma. Eu hozi num tomo nada, nada, meu fio! Negrinho! Acorda negli-
nho. Num faiz anssim cum o pleto véio. Oia o leitinho tá tão bão!
Negrinho! (alarmado) Negrinho! Tu num tá vindo o pleto véio de samã
meu fio? Alesponde ple ele. Num faiz anssim. O nego véio tá sofrendo,
meu fio. Tem peninha dele. Alesponde neglinho! Inda memo que tu tenha
mulido! (Pausa) Quã! Ele nem ove mais o que o pleto véio tá dizendo!
Moleu, o poblesinho! Deus Nosso sinho teve peninha dele! (soluços)
E nós, emu Deus?!... E nós meu Pai!... Inté quando? Inté quando?!
(soluços desesperados)

↘ (O órgão vem aumentando suavemente até tocar forte e abafar os solu-
ços de Nho Constancio)

Speaker - Este foi, meu ouvintes, o ultimo capitulo da Vida do Negrinho do Pas-
toreio. Roberto Lis a escreveu, dirigiu e interpretou com os seus ar-
tistas de Rádio Teatro.

Foi a seguinte a distribuição do ultimo capitulo da Vida do Negrinho
do Pastoreio:

(REPETE A DISTRIBUIÇÃO)

Na proxima sexta feira, a estas mesmas horas, mais um programa seria
do da sua PRF 9, sob a direção de Roberto Lis.

(CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE, PARA O FIM DO PROGRAMA)